

Ano XXXVI - N.º 5

Revista Mensal

2,50 €

Maio 2020

# MENSAGEIRO

## de SANTO ANTÓNIO

SONHO COM  
COMUNIDADES  
CRISTÃS  
QUE DEEM  
À IGREJA  
ROSTOS NOVOS



# Sumário



Maio 2020 | N° 05 | Ano XXXVI

## EDITORIAL

- 3** Um plano para ressuscitar  
*Frei Severino*

## VOZ PARA VÓS

- 4** Noli me tangere  
*Fabrizio Bordin*

## HOMEM E SOCIEDADE

### **6** Jubileu 2020

Igrejas vazias  
*Frei Domingos Celebrin*

### **8** Ponto e contraponto

Querida Amazónia e depois?  
*Idalino Simões*

### **10** Traços de uma Presença

A propósito de uma expressão  
*Juan Ambrosio*

### **12** Pés na terra

Uma realidade pasmada  
*Inês Espada Vieira*

### **14** Memória e tradição

Concurso de Tronos de Santo António'20  
*Pedro Teotónio Pereira*

## ESPECIAL

### **15** Os verbos da salvação - 2

Caminhar  
*João Paulo Costa*

## IGREJA A CAMINHO

### **23** Devoção

Orações a Santo António

### **24** Espaço nova geração

Jovens... e Christus Vivit  
Santa Joana d'Arc  
*Luís Leal*

### **26** Nos Passos de António - 3

De Fernando se fez António  
*Fabio Scarsato*  
Os jeans de CR7  
*Gilberto Borghi e Chiara Gatti*

## CULTURA

### **30** Artes e Letras

Livros  
*Rui Vasconcelos*  
Cinema  
*Pe. Manuel Monteiro Mendes*

## PÁGINAS ANTONIANAS

### **32** Páginas Franciscanas

Basilica de Santo António,  
clínica de almas  
*Frei José Carlos Matias*

### **33** Figuras Franciscanas

Frei Vitoriano - 2  
*Frei Manuel Gonçalves*

### **34** Santo António, mestre da palavra

Pregai o Evangelho  
a toda a criatura  
*Frei Valentim Strappazzon*

## CONTRACAPA

### **36** Jesus

Poema da carmelita Maria  
Celina de Jesus Crucificado

Director  
Frei José Augusto Marques  
(Carteira Profissional TE-101)  
Director-adjunto  
Secundino Correia  
(Carteira Profissional TE-1302)  
Administrador  
Frei Domenico Celebrin  
Redacção  
Frei Severino Centomo  
Proprietário e Editor  
Associação Cultural  
Mensagem de Santo António  
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redacção e Edição  
Estrada de Assafarge, n.º 6  
3040-718 Castelo Viegas  
Telefone e fax  
239 438 190  
Correio eletrónico  
[mensagem.assinantes@gmail.com](mailto:mensagem.assinantes@gmail.com)

Atendimento:  
segunda, quarta e sexta-feira (manhã)

Preço da assinatura anual  
Só digital: 15 €  
Portugal: 22 €  
Europa: 35 €  
Fora da Europa: 50€ - \$75 (CAN)  
Amigo: 50 €  
Benemérito: 100 €

Preço avulso: 2,50 €  
Números atrasados: 3,50 €

NIB da ACMSA  
0010 0000 42510410001 59  
IBAN da ACMSA  
PT50 0010 0000 42510410001 59  
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão  
SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda  
Travessa Sá e Melo, 209  
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612  
Depósito Legal n.º 26.837/89

O MENSAGEIRO de Santo António  
é propriedade da ACMSA,  
entidade sem fins lucrativos

Estatuto Editorial  
<https://santoantonio.live/about/>  
Edição digital  
<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:  
2.750 exemplares



**Capa:** Imagem original de Nossa Senhora de Fátima, na JMJ, Panamá, 21 de janeiro de 2019. Foto EPA / Bienvenido Velasco.

**Editorial:** Ressurreição de Cristo, Peter Paul Rubens (1577-1640), Museu de Belas Artes, Marselha, França. Wikimedia Commons.

**Contracapa:** Cultivar branco de Hippeastrum intokazi. Imagem do dia para 14 de fevereiro de 2019. Foto de Uoaei1 | Wikimedia Commons.

*O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.*

# Um Plano para ressuscitar

Frei Severino Centomo

É com este título que o Papa Francisco assina uma entrevista concedida à revista espanhola *Vida Nueva*, que o tinha interpelado acerca daquilo que seria o futuro da humanidade após a pandemia do Coronavírus. O artigo - entrevista é uma súmula do ensinamento do Papa Francisco nestes últimos anos, particularmente a partir da carta encíclica *Laudato si'*. Por isso, merece uma particular atenção.

Todos temos consciência de que o mundo está doente, não só por causa da COVID-19, mas, sobretudo, pelo estado em que se encontra.

Num mundo que tanto cresceu na ciência, na técnica, na medicina, na informática e na comunicação, não podemos tolerar derrotas como a fome, a guerra, a corrida aos armamentos, para já não falar das injustiças e das violências que pesam cada vez mais sobre os pobres e os pequenos, e da devastação da casa comum, o planeta terra.

Esta pandemia é uma campanha de alarme e pode constituir um ponto de partida para um renascimento, quer para o mundo, quer para a Igreja. A primeira coisa a fazer é uma avaliação dos critérios que, até agora, orientaram a sociedade, o nosso modo de viver e a nossa forma de celebrar a fé. No que se refere à Igreja, esta pandemia pôs a nu a sua incapacidade de oferecer uma palavra clara e convincente como “sacramento” da proximidade de Deus.

E o Papa Francisco lança-nos um desafio. Se “Deus nunca abandona o seu povo” e nos oferece a força da fé e do serviço ao próximo, então:

*Seremos capazes de atuar responsabilmente perante a fome de que tantos padecem, sabendo que há alimentos para todos? Continuaremos a olhar para o lado, com um silêncio cúmplice, perante as guerras alimentadas por desejos de domínio e de poder? Estaremos dispostos a mudar os estilos de vida que mergulham tantos na pobreza, promovendo e animando-nos a levar uma vida mais austera e humana, que possibilite uma partilha equitativa dos recursos? Adotaremos, como comunidade internacional, as medidas necessárias para travar a devastação do meio ambiente ou continuaremos a negar as evidências?*

O Senhor Jesus, que derrubou a pedra do sepulcro, é a garantia da nossa ressurreição! ■

# Noli me tangere

Fabrizio Bordin



*Noli me tangere* (Não me toques), Ticiano (1514), National Gallery, Londres | Wikimedia Commons.

Há dias fui às compras numa mercearia do bairro do Condado, em Marvila. A fila não era muito comprida. O dono da loja saía cada 30 segundos e mandava entrar uma ou duas pessoas.

*O João, um senhor da minha idade que conheço há 25 anos, quando me viu veio ao meu encontro todo feliz: “Há quanto tempo que não vejo o frei!”. E deu-me um toque com o cotovelo.*

Eu, conhecendo o estado de saúde do João, não me senti tão à vontade com o toque, mas alinhei na conversa. Pouco depois, quando foi a minha vez, entrei na loja e, enquanto andava a

escolher maçãs e peras, toquei distraidamente num senhor que estava à minha frente. Ele virou-se para mim olhando-me com cara aborrecida. Apressei-me a pedir desculpa pelo toque involuntário.

O relato do Evangelho daquele dia falava do encontro ao pé do sepulcro entre Jesus e Maria Madalena. Maria chorava e ao ouvir Jesus pronunciar o seu nome, reconheceu o Mestre e queria tocá-lo, abraçá-lo, retê-lo. Mas Jesus repreendeu-a, dizendo: “Não me detenhas...”. São Jerónimo traduz, em latim, esta exclamação com a famosa expressão: *Noli me tangere*, que à letra significa “não me toques... nem ao de leve!”.

Muitos artistas celebres pintaram esta cena: de Bronzino a Brueghel, de Duccio, Dürer e Giotto a Rembrandt, Rubens e Ticiano, e tantos outros.

Habitados aos toques e aos abraços, nossos, no dia a dia, e de Jesus, nos relatos evangélicos – pensamos em Maria que lava e perfuma os pés do Senhor, em Tomé que lhe toca as feridas, na mulher doente há doze anos que “ao de leve” lhe toca o manto – custa-nos entender e viver esta “distância canónica” a que somos obrigados. Não estávamos acostumados, não faz parte da nossa cultura, mas acabamos para nos render simplesmente por medo.

Contudo, o *Noli me tangere* de Jesus, não nasce do medo de ser tocado, não é uma forma de autoproteção ou de afastamento, mas um gesto de ternura e de amor.

Jesus sabe que o seu corpo ressuscitado não pode ser tocado. O que Maria Madalena pode fazer não é tocar o corpo de Jesus, mas sim a sua ressurreição. Jean-Luc Nancy, escreveu um livrinho intitulado *Noli me Tangere*, onde afirma que, agora, ao pé de Jesus ressuscitado, Maria Madalena “não deve tocar, mas ser tocada”. Mais do que “reter” Jesus, tem que O anunciar com alegria. E foi o que ela fez, comunicando aos discípulos: “Eu vi o Senhor!”.

Neste tempo pascal, de encontros com o Ressuscitado, somos convocados a descobrir um novo sentido na falta de toques e de abraços? Não já por repugnância ou medo, mas sim por amor e com ternura, numa antecipação da eternidade de Deus, quando poderemos tocar e abraçar a Sua glória. ■

# COLABORA COM A CARITAS ANTONIANA

Assina e divulga

O Mensageiro de Santo António



Ler

Viver

Partilhar  
com António

Ao assinar a revista, durante o Jubileu 2020,  
estás a contribuir com 10% para a Caritas Antoniana.

## Preço da assinatura anual

Só Digital	15 €
Edição impressa Portugal:	22 €
Edição impressa Europa:	35 €
Edição impressa Fora da Europa:	50€ - \$75 (CAN)

NIB: 0010 0000 42510410001 59  
IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59



**MENSAGEIRO**  
de SANTO ANTÓNIO

COLABORA  
1220-2020  
**Jubileu**  
DOS MÁRTIRES DE MARROCOS  
E SANTO ANTÓNIO

santoantonio.live

# Igrejas vazias um desafio para renascer

Frei Domingos Celebrin

Reflexão a partir do texto de Tomáš Halík: *O Sinal das Igrejas Vazias – Para um Cristianismo que volta a partir*, Paulinas, Lisboa, 2020. Fotomontagem a partir de Igreja abandonada no Norte de Chipre e interior da Basílica de São Pedro no Domingo de Ramos.

Agora que a emergência do corona vírus está a diminuir, agora que os “picos” começam a baixar e todos estamos com uma grande vontade de “regressar ao normal”, penso que chegou o momento de refletirmos, seriamente, sobre o que acabamos de viver e continuaremos ainda a viver durante muito tempo.

*Não me refiro apenas à pandemia da COVID-19, mas sobretudo ao estado da nossa civilização, que este fenómeno global nos revela. Em termos bíblicos, poderíamos afirmar que tudo isto é um sinal dos tempos. O imparável processo de globalização atingiu o seu pico: a vulnerabilidade global de um mundo global tornou-se evidente.*

## IGREJAS VAZIAS: DESGRAÇA OU ANÚNCIO PROFÉTICO?

No ano passado, antes da Páscoa, a catedral de Notre-Dame, em Paris, incendiou-se; este ano, nos vários continentes, em centenas de milhares de igrejas, sinagogas, mesquitas e outros templos, neste momento não há celebrações religiosas. Os cristãos viveram a Páscoa confinados em casa, os muçulmanos experimentam agora a mesma dor no Ramadão.

No entanto, a desertificação das igrejas, sobretudo no Ocidente, já vinha de trás e se nada fosse feito, dentro de alguns anos ficariam desertas em boa parte do mundo.

Se não fizermos uma séria tentativa para mostrar ao mundo um rosto completamente diferente do cristianismo, este tempo de edifícios eclesiais vazios poderá tornar-se, simbolicamente, o sinal de um futuro não demasiado distante.

## **TORNA-SE URGENTE UMA NOVA REFORMA**

Importa, talvez, aceitar a abstinência atual dos serviços religiosos e das atividades da Igreja como “sacramento de salvação”, como uma oportunidade para parar e para nos comprometermos numa reflexão profunda diante de Deus e com Deus.

É urgente e necessária uma reforma para voltar ao coração do Evangelho, para viajar até às profundezas, chegar ao âmago do nosso “sermos e tornarmos-nos cristãos”.

No dia anterior à sua eleição o cardeal Bergoglio (atual Papa Francisco) citou uma passagem do Apocalipse, na qual Jesus está à porta e bate. E acrescentou: “Hoje, Cristo está dentro da Igreja a bater à porta e quer sair”. Eis o sinal: Cristo, hoje, quer sair das igrejas.

### **ONDE FICA, HOJE, A GALILEIA?**

Na Páscoa deste ano, ao celebrar-se a Missa sem povo foi proclamada a passagem do Evangelho sobre o túmulo vazio, dentro de igrejas vazias. Mas, se o vazio das igrejas nos lembra o túmulo vazio, não podemos ignorar a voz que ressoou do alto: “Não está aqui. Ressuscitou. Vai à vossa frente a caminho da Galileia”.

Onde fica, hoje, a Galileia? Onde podemos encontrar o Cristo vivo que vai à nossa frente?

Nos nossos dias, o número daqueles que se identificam plenamente com formas tradicionais de religião, mas também o daqueles que declaram um

ateísmo dogmático, está em diminuição, enquanto, por outro lado, aumenta o número dos que andam à procura – *buscadores* –, dos *apáticos* e dos indiferentes.

Existem *buscadores* entre os crentes (aqueles para quem a fé não é apenas uma *herança*, uma tradição, um conjunto de normas, ritos e regras, mas antes um *caminho*) e entre os não-crentes (aqueles que rejeitam os conceitos religiosos propostos por aqueles que os rodeiam, mas, ao mesmo tempo, experimentam o desejo por algo que satisfaça a sua sede de significado). Estou convencido de que a ‘Galileia de hoje’, onde devemos encontrar a Deus, é o mundo dos *buscadores*.

### **COMO ENCONTRAR CRISTO ENTRE OS BUSCADORES?**

Se, hoje, como discípulos de Jesus, nos quisermos relacionar com os *buscadores de Deus*, há várias coisas que devemos primeiro abandonar.

Devemos abandonar muitas das nossas antigas ideias sobre Cristo. O Ressuscitado é radicalmente transformado pela experiência da morte. Como lemos nos Evangelhos, mesmo as pessoas mais próximas e queridas de Jesus não o reconheceram. O testemunho dos outros não é suficiente, o que aprendemos na catequese e na formação cristã não chega. Devemos insistir em querer tocar as suas feridas (como Tomé). E onde podemos encontrar as suas feridas, senão nas feridas do mundo e nas feridas da Igreja, as feridas do corpo que Ele assumiu?

No diálogo com os *buscadores*, podemos e devemos aprender uns com os outros e abandonar, de uma vez por todas, a ideia de proselitismo, aprendendo a ampliar radicalmente o horizonte da nossa visão da Igreja.

O Senhor já bateu ‘de dentro’ e saiu; o nosso trabalho é procurá-Lo e segui-Lo, pois Cristo já atravessou a porta que tínhamos fechada por medo dos outros.

### **RECONHECÊ-LO-EMOS PELAS SUAS FERIDAS!**

O que o último Concílio disse sobre a catolicidade e o ecumenismo precisa adquirir um conteúdo mais profundo e mais amplo. Chegou a hora de uma busca mais ousada de Deus “em todas as coisas”.

É claro que podemos pensar este tempo de igrejas vazias e silenciosas como uma medida temporária que em breve será esquecida, mas também podemos aceitá-lo como *kairós*, um momento salvífico para partir em busca de uma nova identidade do cristianismo, num mundo que mudou radicalmente diante dos nossos olhos.

Não busquemos o Vivente entre os mortos, no passado. Tenhamos a coragem e a tenacidade de O procurar e feliz aquele que não se escandaliza ao encontrá-Lo na pessoa do estrangeiro, do marginalizado, do pobre, do doente, do velho... Havemos de O reconhecer pelas suas feridas, pela sua voz, quando nos falar no íntimo pelo Seu Espírito que traz a paz e varre todo o medo. ■

# Querida Amazónia e depois?

Idalino Simões

Mulheres waoranis no Dia Internacional da Mulher, em Quito, Equador, 8 de março de 2020. EPA / Jose Jacome.

Em tempos de confinamento e de mergulho na fragilidade da vida em que todos estamos, urge perguntar pela *Querida Amazónia* e pelos *Quatro Sonhos* do Papa Francisco.

Curiosamente, o sonho é uma forma de olhar o futuro como realização do que ainda não se tem. António Gedeão afirma-o de uma forma lapidar no seu poema *Eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida*. Martin Luther King Jr. proclamou, em 28 de agosto de 1963, nos degraus do Lincoln Memorial, em Washington, o seu mais famoso discurso, intitulado *Eu tenho um sonho*.

Os quatro sonhos do papa Francisco, como todos os sonhos, “só podem ser interpretados autenticamente por ele”.

São sonhos de um “caráter profundamente teológico-espiritual” no dizer de António Adelson Araújo, SJ (um dos apresentadores do documento *Querida Amazónia*, em Roma).

O sonho é sempre um olhar promissor sobre o futuro. Está na linha da utopia, do projeto não acontecido, mas com uma enorme carga geradora de vontades e energias. A melancolia, pelo contrário, está voltada para o passado, enrola-se nas recordações do que já foi e anseia por ancorar-se na memória idílica de um tempo idealizado, na maioria das vezes.

## OS SONHOS DE FRANCISCO ESTÃO AÍ, DESENCADEANDO A REFLEXÃO E A CRIATIVIDADE

Estamos perante uma *bomba relógio* na própria Igreja universal: *Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazónia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazónicos*.

É a igreja da Amazónia que no seu peregrinar irá, com a força do Espírito, dando novas hipóteses de regeneração do tecido eclesial que começa a ter em conta a multiculturalidade, de uma Igreja que aprenderá a evangelizar enculturando-se e não colonizando, de uma Igreja que deverá regressar ao sonho dos que anseiam por um pouco mais de pão, de dignidade, de vida.

Este sonho foi magistralmente descrito por João Cabral de Mello Neto em *Morte Vida Severina*:

*... esperei, devo dizer, que ao menos aumentaria na quartinha, a água pouca, dentro da cuia, a farinha, o algodãozinho da camisa, ao meu aluguel com a vida.*

### UMA IGREJA COMPROMETIDA COM A CASA COMUM QUE TEM NA AMAZÓNIA A SUA CAPACIDADE DE RESPIRAR

As várias instâncias eclesiais ligadas à Amazônia: CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano), CLAR (Confederação Latino-americana de Religiosos) e Cáritas Latino Americana e Caribe estão, desde o primeiro momento, implicadas em todo o processo sinodal da Amazônia e têm a memória de grandes compromissos pela salvação da Amazônia e das suas gentes.

Talvez seja oportuno recordar a célebre pastoral de D. Pedro Casaldáliga, em 10 de outubro de 1971, onde, fazendo uma análise profunda dos problemas da Amazônia, nos deixa perplexos porque, meio século depois, parece escandalosamente atual. Nessa pastoral podemos encontrar o compromisso com o povo da Amazônia.

São de D. Pedro estas palavras de explicação da sua recusa em usar os sinais de poder, optando pelas lógicas de serviço na Igreja:

*Tua mitra será um chapéu de palha sertanejo; o sol e o luar; a chuva e o sereno; o olhar dos pobres com quem caminhas e o olhar glorioso de Cristo, o Senhor. Teu báculo será a verdade do Evangelho e a confiança do teu povo em ti. Teu anel será a fidelidade à Nova Aliança do Deus Libertador e ao povo desta terra. Não terás outro escudo senão a força da Esperança e a Liberdade dos filhos de Deus, nem usarás outra luva que o serviço do Amor.*

### É NESTA SEMENTE DE MUITOS PROFETAS E MÁRTIRES QUE SE ALIMENTA O FUTURO PROMISSOR DA IGREJA NA AMAZÓNIA

Para levar por diante os sonhos do Papa em relação à sua *Querida Amazônia* acaba de ser constituída uma plataforma que reunirá todo o esforço de recepção do Sínodo: o Organismo Episcopal Pan-amazónico. Este organismo estava previsto no nº 115 do documento final do Sínodo.

Será um organismo com um representante de cada uma das sete conferências episcopais da região, dois membros da presidência da REPAM (Cardeais Cláudio Hummes e Pedro Ricardo Barreto Jimeno), da CELAM (Cardeal Miguel Ca-

brejos), o presidente da CLAR, o Secretário executivo da REPAM, os representantes do Vaticano (Cardeais Baldisseri, Oullet, Tagle e Czerny), os três representantes dos povos Amazónicos e dois especialistas (um teólogo da sinodalidade e um de direito canónico).

O cardeal Hummes espera que não seja *um organismo abstrato, mas envolvido com as pessoas e comunidades do território, quer sejam as comunidades eclesiais quer sejam as comunidades da população local, como as comunidades indígenas.*

*Que seja um organismo dinâmico, próximo ao povo, que caminha com o povo, que escute o povo, e com o povo decida as práticas de construir estes novos caminhos para a igreja da Amazônia e para uma ecologia integral, os sonhos de uma Igreja mais sinodal, missionária, misericordiosa, pobre com os pobres, em saída para as periferias. O Sínodo para a Amazônia foi histórico. Nenhum sínodo anterior foi tão sinodal e reformador como este.*

Num mundo a mãos com um vírus destruidor de sonhos e projetos abre-se um horizonte de esperança. ■



Dom Pedro Casaldáliga, o bispo-poeta fiel à Igreja dos pobres, natural de Balsareny, Barcelona, é um bispo católico catalão, radicado no Brasil, desde 1968. Atualmente com 92 anos, acometido da doença à qual chama de 'irmão Parkinson', é bispo emérito da Prelazia de São Félix.

Dom Pedro Casaldáliga é um referente da Igreja dos pobres – no Brasil e no mundo –, uma Igreja comprometida na defesa dos direitos dos camponeses, dos indígenas e dos quilombolas [descendentes dos escravos africanos], com a participação ativa das comunidades eclesiais de base; uma igreja onde os leigos são os protagonistas principais.



# A propósito de uma expressão

Juan Ambrosio

*Há expressões que, pouco a pouco, vão ganhando espaço no nosso quotidiano e que, quase sem darmos por isso, se vão impondo de tal modo que se tornam de uso corrente, acabando por ser utilizadas sem questionamentos. À partida esta situação não levanta problemas, pois se essas expressões se impõem é porque cumprem o seu papel no âmbito da nossa comunicação.*

Mas será que é sempre assim? Será que sempre essas expressões traduzem verdadeiramente aquilo que queremos dizer e significar com elas?

Esta minha dúvida levanta-se a propósito da expressão **distanciamento social** a que todos nós hoje nos habituamos, não só porque constantemente a ouvi-

mos, como também porque frequentemente a utilizamos.

## **DISTANCIAMENTO SOCIAL OU DISTANCIAMENTO FÍSICO**

Sou capaz de perceber, julgo mesmo que todos somos facilmente capazes de o fazer, o que com ela se pretende evocar: face à situação em que vivemos somos fortemente aconselhados a manter uma determinada distância de modo a evitar a fácil propagação do vírus que a todos nos afeta. E de tal modo ela traduz bem essa necessidade que acabou por se tornar de uso corrente não só entre nós, como também nos outros países. Basta fazer uma rápida passagem pelos principais canais noticiosos para facilmente nos podermos aperceber desta realidade.

Não me atrevo a dizer que ela surgiu do nada, não tendo sido suficientemente ponderada, nem sequer ousar afirmar que é utilizada de um modo irrefletido. Estou mesmo em crer que ela veio para ficar e com ela traduziremos sempre uma parte muito importante desta experiência que estamos a viver.

Mas apesar de todas estas evidências não posso deixar de partilhar o desconforto que ela me causa. Não o faço por querer ser diferente ou ir apenas contra a corrente, nem, muito menos, por julgar que estou mais certo do que os outros. Faço-o por julgar que não é suficientemente certa e por me parecer não apontar para o caminho que julgo ser o mais oportuno e necessário.

O que verdadeiramente temos de manter é um distanciamento físico e não social. Esse até deve ser, no meu entender, mais encurtado neste momento que estamos a viver. Afastados fisicamente uns dos outros, sim, mas próximos, muito próximos, do ponto de vista social, sobretudo daqueles que são os mais frágeis.

Se há coisa que esta pandemia também nos está a mostrar com toda a evidência é que estamos todos no mesmo barco. Quanto mais nos articularmos e agirmos unidos, mais facilmente conseguiremos lidar com a situação.

### ATENÇÃO, CUIDADO E PROXIMIDADE

Em bom rigor, o momento que estamos a viver mostra-nos bem como o individualismo egoísta é um outro vírus, tão ou mais perigoso do que aquele a que comumente chamamos COVID 19. Tanto um como o outro combatem-se com a atenção e o cuidado, atrevo-me mesmo a dizer com a proximidade.

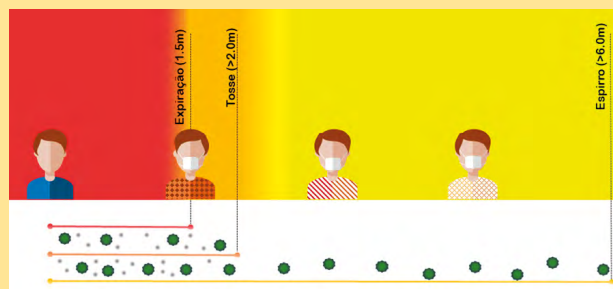
É por isso que todos, neste momento histórico que estamos a viver, procuramos essa proximidade, apesar da necessidade imperiosa da distância física. É por isso que utilizamos todos os meios ao nosso alcance, não só para estarmos próximos dos que nos são mais queridos, mas também daqueles que sabemos mais sozinhos. Neste tempo até tem acontecido aproximarmo-nos mais daqueles com quem habitualmente não falamos.

**Distanciamento físico sim! Distanciamento social não!** Pelo contrário, o que precisamos é de redescobrir uma proximidade que, talvez sem precisar de tantos amontoamentos, possa traduzir bem como a vida humana se fundamenta e desenvolve na relação. Da qualidade humana deste exercício de proximidade dependerá também, disso estou cada vez mais convencido, o futuro que estamos a construir.

No fundo a experiência cristã é também disto que trata: da proximidade de Deus com o ser humano e da presença próxima que somos convidados a ter uns com os outros no exercício da nossa existência. É também disso que trata a celebração da Páscoa. A ressurreição não se refere apenas à vida. Ela aponta e abre-nos definitivamente para a vida como dom e como relação, ou, se quisermos dizer de outra maneira, abre-nos para o mistério da vida como mistério de proximidade. ■

## VALE A PENA USAR MÁSCARA POR CAUSA DA COVID-19?

A resposta é sim! Porquê? Observemos a imagem.



Encontra-se estabelecido que o principal meio de contágio da Covid-19 é através das partículas – que transportam o vírus, normalmente alojado no trato respiratório superior – projetadas pelo sistema respiratório, seja através de espirros ou tosse, ou simplesmente pelo ato de respirar. Estas partículas são caracterizadas por um tamanho – as mais pequenas (representadas a cinzento na figura) designam-se por aerossóis. Os aerossóis são parte do quotidiano doméstico – lacas, insecticidas, desodorizantes, ambientadores e demais *sprays* são efetivamente aerossóis. A grande diferença entre estes e o aerossol referido no texto é que estes aerossóis usam gás butano, ao passo que nós usamos o ar que nos rodeia. Os aerossóis são partículas tão pequenas (tamanho inferior a um milésimo de milímetro, ou seja, um micrómetro,  $1 \mu\text{m}$ ) que são facilmente transportadas num gás, ao passo que partículas com tamanho superior a um décimo de milímetro são designadas gotículas (partículas a verde).

Podemos constatar que o simples ato de expirar gera partículas que podem alcançar um raio de 1,5 metros a partir da posição do agente infectado (o indivíduo vestido de azul). A tosse, por seu lado, consegue projetar essas partículas um pouco mais longe – uma média de 2 metros. Já um espirro, devido à sua grande velocidade (50 metros por segundo, ou seja, 180 km/h) consegue projetar partículas além dos seis metros de distância. Constata-se assim que o ato de protegermos a cara quando tossimos ou espirramos não é um gesto de etiqueta bacoca, mas sim uma maneira prática de conter a propagação destas partículas, efetivamente garantindo a proteção de quem nos rodeia.

Alcides Simão, Ciência na Imprensa Regional – Ciência Viva



# Uma realidade Pasmada

Inês Espada Vieira

Em tempos de Covid-19, parece que vivemos na permanente tensão entre estar farto de falar do vírus e não conseguir falar noutra coisa. É verdade que “há vida para lá da Covid”, mas não tenho a certeza sobre que vida é essa. Embora saturados de um “tudo isto” que, afinal, é “só disto”, não é este o tempo para uma alienação cor de rosa que nos retire de um mundo em suspenso. Porque assim é a vida, agora.

Estamos em suspenso, dentro da realidade, também ela hesitante. Uma realidade pasmada perante a sua própria evidência: estar aqui e agora, mas sem ter do passado mais do que uma lembrança difusa e sem muito ânimo para imaginar o futuro. Esse é porventura um dos efeitos que destacaria da atual vivência: querer sonhar com as férias, com o café com os amigos, com o almoço de aniversário da avó, com a viagem a Itália, com o regresso dos primos do Luxemburgo no verão... e não nos atrevermos sequer a desejar. Não é necessariamente medo – e também há quem o tenha – é viver com uma espécie de cãibra do espírito, os movimentos tolhidos, a “embotada vontade” do poema de O’Neill.

Regressarei a ele.

Parece pessimista, mas é só da vida, dos dias. Todos o temos sentido, não é verdade? Nuns dias temos o peito cheio do mundo e de amor, noutros temos as costas curvas de um peso que não vemos, mas que sentimos bem. Um peso que aumenta por só se falar do vírus já que a repetição das notícias amplifica o seu impacto.

Em 1983, a escritora Marguerite Yourcenar publica uma coleção de ensaios intitulada *O tempo, esse grande escultor*. A edição portuguesa da extinta editora Difel é de 1984, com tradução de Helena Vaz da Silva.

O título do livro (que é o de um dos seus mais curtos ensaios) é, como muitos bons títulos, uma evidência sintética de algo que jamais fora tão bem dito, que se nos revela como tese e que pode produzir nova reflexão fora do âmbito onde surgira.

### PERGUNTAMO-NOS: QUE ESCULPE AGORA O TEMPO?

Como transcorre um tempo suspenso? Como se reequilibra o tempo? Como se reativa o devir, se vivemos sem a exata noção do que éramos ainda há pouco, em fevereiro, de que se faziam os nossos dias, com que sonhávamos?

Que esculpirá em nós o tempo da pandemia, do confinamento, da distância social, da etiqueta respiratória, das máscaras, de uma comunidade por turnos, dos aviões parados, das praças vazias, das igrejas fechadas?

Ouvimos amiúde que o tempo nos define o rosto ou que as rugas são “marcas do tempo”; lemos com intuição uma história de leveza ou de sofrimento na face de um familiar ou de amigo querido. Na verdade, não é apenas o passar do tempo que nos molda, mas sobretudo a experiência desse tempo. Por isso, o modo como vivemos agora a nossa realidade pasmada consigo mesma, o nosso tempo suspenso, definirá em grande medida a obra que seremos. A obra do escultor não é apenas fruto dos instrumentos que escolhe, da força que coloca na maceta com que maneja o cinzel, mas também da pedra que lava. Que pedra somos? Que obra seremos depois de tudo isto?

Como é que as nossas contingências individuais se (re)configuram em comunidade?

Agora o poema de Alexandre O’Neill que citei antes.

Dai-nos, meu Deus, um pequeno absurdo quotidiano que seja,  
que o absurdo, mesmo em curtas doses,  
defende da melancolia e nós somos tão propensos a ela!

[...]

Se faça afia faca,

então que a faca do absurdo

venha afiar a faca da nossa embotada vontade,  
venha instalar-se sobre a lâmina do inesperado  
e o dia a dia será nosso e diferente.

Aflições? Teremos muitas não haja dúvida.

Mas tudo será melhor que este dia-a-dia.

Os povos felizes não têm história, diz outro aforismo.

Mas nós não queremos ser um povo feliz.

Para isso bastam os suíços, os suecos, que sei eu?

Bom proveito lhes faça!

[...].

*Alexandre O’Neill (1924-1986)*  
da coletânea *O princípio da utopia...*,  
publicada em 1986, ainda em vida do poeta

Neste inesperado poema-prece pede-se um absurdo salvífico, que nos retire da melancolia, de um dia a dia monótono que não nos pertence: Depois da lista de maleitas, desamores e várias misérias sociais, a prece termina: “Garanti-nos, meu Deus, um pequeno absurdo cada dia, / um pequeno absurdo às vezes chega para salvar”.

Sempre gostei muito deste poema, que nos perturba e sacode com afiado escândalo, tão característico de O’Neill. Sei-o de cor, lembro-lho várias vezes nas minhas aulas de Língua Portuguesa.

Todavia, agora não nos serve. Vivemos um grande absurdo, em doses nada curtas que, como disse antes, nos tolhe os movimentos do corpo e do espírito. O pequeno absurdo quotidiano é agora um quotidiano absurdo. Que fazer do/no tempo suspenso?

Sairemos da realidade pasmada, é certo. Resta saber com que capacidade ainda de nos pasmarmos com ela, mas já no sentido de espanto que desejamos ter com a vida diante de nós, dentro de nós; dádiva que fará tanto mais sentido quanto puder ser celebrada e partilhada, com passado, com futuro. ■



### Concurso de Tronos de Santo António'20

À esquerda: *Trono de Santo António, 1959*. Fotografia de Armando Serôdio (Arquivo Municipal de Lisboa).

À direita: *Trono de Santo António, 2019*. Casa de Fado Dragão de Alfama, freguesia de Santa Maria Maior (na imagem António Carlos e Ana Carvalho). Fotografia de Nuno Gonçalves/MLSA.

Pedro Teotónio Pereira

O século XX veio consolidar a presença dos tronos nos bairros tradicionais e o popular concurso dos Tronos de Santo António promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, a partir de 1949, ficou até hoje profundamente marcado na memória bairrista da população que nunca deixou morrer esta tradição.

Nos últimos anos o Museu de Lisboa – Santo António tem promovido uma exposição de rua de Tronos de Santo António, desafiando todos os lisboetas a armar um trono e a colocá-lo junto da porta de casa.

Estamo-nos a aproximar da festa de Santo António de 2020, e com as restrições impostas pelo confinamento, a tradição dos Tronos não irá esmorecer, antes pelo contrário, será alargada a todo o país. Neste ano de exceção, o Museu de Lisboa – Santo António irá convidar as pessoas a armar um trono de Santo António, mas desta vez retomando o formato de concurso, desafiando todos os residentes em território nacional a usar materiais reciclados e sobretudo muita imaginação, para fazer parte de uma grande exposição *online* que inaugura a 13 de junho.

*As inscrições e regulamento estão disponíveis nas plataformas online do Museu de Lisboa, Cultura na Rua e EGEAC. Contamos com a sua participação para que este ano, em junho, Portugal se encha de Tronos de Santo António. ■*

*A tradição dos tronos de Santo António tem origem na extraordinária resposta da população de Lisboa ao terramoto de 1755. A igreja de Santo António ficou muito danificada e os habitantes da cidade mobilizaram-se prontamente para a sua reconstrução. Os decretos reais permitiram alargar a recolha de esmolas a todo o reino e a tradição refere que as crianças da cidade de Lisboa também se quiseram associar, erguendo pequenos altares junto das soleiras das casas durante o período das festas dos santos populares, pedindo “uma moeda para o Santo António”.*

No século XIX, o pedido “cinco milreizinhos para a cera do Santo António” era utilizado pelas crianças para pedir dinheiro que gastavam em guloseimas e fogos-de-artifício, que se juntava à folia do período das festas de Santo António, que incluía “a contagiosa vivacidade dos descantes, das guitarras, dos balões de cores, das gaitas e assobios de barro” (Alfredo Mesquita, *Alfacinhas*, 1910, p. 138).

Lisboa enfeitava-se para receber o seu Santo mais querido, seguido agora pelo peditório do “tostão para o Sant’António”, que as crianças estendiam por todo o mês de junho. Os tronos eram feitos com caixas de cartão ou com bancos baixos, embora as capelistas da Baixa vendessem pequenos tronos de madeira, assim como decorações de chumbo ou madeira (velas, vasos, cruzes, sacrários, etc.). As imagens do santo, em barro, eram geralmente muito imperfeitas e nos tronos mais pobres eram substituídas por estampas de papel.

O Homem que caminha, de Alberto Giacometti, Fundação Louissiana (foto.joaquim.felix)

# Os verbos da salvação

## 3. Caminhar

*João Paulo Costa,  
presbítero da Arquidiocese de Braga e investigador na área da filosofia.*

*Há, porém, certas estradas que vale a pena percorrer, como se agora que estão em ruínas nos conduzissem a um destino certo.*

Henry David Thoreau

# Caminhar sobre ruínas: breve apologia da vida peregrinante

Ruínas do Templo de Hércules, Ammã, Jordânia. Foto High Contrast, 2009 | Wikimedia Commons.

Tal como a Quaresma, com a sua memória do caminhar do Povo bíblico no deserto, também o Tempo Pascal é, por excelência, um tempo de caminho, nos passos dos discípulos que reconhecem o Ressuscitado. Não será por acaso que o primeiro nome dado à comunidade dos seguidores de Jesus, no livro dos *Atos dos Apóstolos*, tenha sido “o Caminho” (At 9, 1). Enraizado no património humano mais profundo, o gesto, exigente na sua simplicidade, de caminhar transporta-nos para a contemplação do que somos enquanto peregrinos.

O ato de caminhar poderá ser uma experiência espiritual profunda. Neste gesto corporal se expressa a humana inquietude da procura das fontes de sentido. A caminhada prolongada e resiliente é uma imersão corporal que muda a nossa relação com o espaço e com os outros. Somos seres bípedes, à procura de relação. O ato de pôr-se de pé, de estar a caminho, salvaguardou os nossos ancestrais na longa e sofrida escada da evolução. Só caminhando aprimoramos e reconhecemos a verdadeira força de sermos corpo no contacto com a consistência do solo, dos objetos ou de outros entes.

De carro, de bicicleta ou de avião não temos tanto a percepção física do espaço, da aventura imersiva da nossa carne na carnalidade do “mundo da vida” (Husserl) e da abundância de elementos que tocam o nosso corpo sensível à alteridade.

A escultura *O Homem que caminha* (1961), do artista suíço Alberto Giacometti, fala-nos disso mesmo, do laço humano para o contacto com um horizonte inatendível e aberto ao extremo, em passos e passagens, no prazer da solidão que torna possível a autêntica hospitalidade de quem passa no caminho.

Só o “caminhar permite este encontro físico com os elementos, com os odores e a luz, com

os animais, com os habitantes também, aqueles que encontramos por acaso, aqueles que nos albergam, aqueles com quem partilhamos uma refeição” (Jean-Paul Kauffmann). Caminhamos por algo ou por alguém sempre mais importante do que o nosso próprio destino.

Algo suscita esse desejo permanente de autotranscendência, a alcançar uma totalidade inabarcável que, por vezes, não sabemos nem podemos nomear. Pode acontecer que caminhemos pelo simples prazer de trilhar o caminho, sem fins nem objetivos delineados, apenas deambulando com os pés dos nossos pensamentos, desejos ou projetos.

## CAMINHAR ENTRE RUÍNAS

As ruínas do caminho conduzem a qualquer e a nenhuma parte, como se o caminhar fosse um gerundivo imperfeito. Caminhar sobre ruínas é algo incomum. Ninguém deseja habitar a penumbra. Todos procuram a luz. Mas o excesso de luminosidade cega a possibilidade da epifania de um evento, o acolhimento da promessa que aí se anuncia.

O escritor americano Henry David Thoreau escrevia que “a esperança e o futuro não residem nos campos relvados nem nas terras de cultivo, nas cidades nem nas vilas, mas nos impenetráveis pântanos de solo instável”.

Mergulhar nestes solos instáveis suscita o exercício espiri-

tual da mente e do corpo para afrontar o desconhecido, como os entes anónimos e invisíveis que de vez em quando nos visitam ou perturbam. Trilhamos sempre um caminho presente cujo destino não sabemos qual é. E não saber o que possa vir atemoriza-nos, e logo nós, sempre ávidos de segurança, de controlo e de possessão.

Percorrer lentamente um longo caminho, por horas ou até dias, coloca-nos diante do Aberto, da infinita beleza do desejo de sermos novamente outros para alguém. Esta viagem do outro para si mesmo torna-nos incrivelmente indigentes, dispostos para receber a gratuidade de um abraço estendido, ou até para se reconhecer a si mesmo de uma outra maneira, menos artificial e mais autêntica. A atmosfera cultural atual é pouca dada à lentidão, à maturação do pensamento ou do próprio corpo. Por isso Michel Serres propõe o aforisma sapiencial “caminho, logo sou” ao invés do apodítico “penso, logo existo” de Descartes.

O tempo acelera, a atenção dispersa-se, a hiperconexão digital é onnipotente, a ambiência global é excitante. Aparentemente nada parece disposto a elogiar a lentidão do caminhar pensante, apenas agitação e convulsão em correspondência ao modo de ser dominante do utilitarismo. E todavia, há sempre um rasto, um vestígio, um traço, que cada um deseja deixar atrás de si. Há um desejo humano de pacificação, de decrescimento de egos inflacionados, de galgar o solo da terra firme, da matéria que resiste à passagem erosiva do não-ser.

## CAMINHAR É DEIXAR RASTO, É ENTREGAR-SE POR INTEIRO À LACUNA DE UMA ESPERA.

Georg Simmel dizia que a “ruína é lugar da vida, de onde a vida se retirou”. Ela é a morada da vida para quem a contempla, a solidez que dá a ver a luminosidade dos seres de um modo mais autêntico. A ruína não é arruinamento nem desmoronamento, ou melhor, não chega a ser escombros. É outra coisa. É um memorial da vida a reconstruir. É uma casa mais luminosa que recebe e fecunda a própria luz.

## O INACABAMENTO DA RUÍNA SOBREPASSA-NOS NA SUA CAPACIDADE DE RESISTIR E DE CORPORIFICAR O TEMPO.

Sabemos bem o quão os nossos ancestrais foram nômadas, carregando sobre si em cada estação o futuro, o peso da vida em devir. Sabemos quanto o exílio do povo bíblico foi a condição para a sua sobrevivência, a necessidade de saírem e de passarem além do seu confinamento territorial, a caminhar para novas e inesperadas alianças, para a troca comercial ou para o diálogo intercultural.

É o próprio YHWH que lança o patriarca dos crentes, Abraão, na aventura do mundo, a sair da sua terra ou tribo para a confluência das gentes (cf. Gn 12, 1-7).

Nenhuma raça ou povo subsiste fechado em si mesmo. Precisamos da diferença do outro, de uma alteridade que nos resista, que é o nosso espelho mais verídico, para fecundar e sustentar a nossa própria identidade.

A realidade do êxodo (*éksodos*, passagem ou saída) está nos nossos genes humanos, é o legado dos nossos antepassados, a passagem dos passos que abre para o tempo habitado no lugar em que nos movemos e existimos.

## O CAMINHO É SEMPRE COMUNITÁRIO

É inerente à nossa condição humana, por segurança e instinto, estarmos adstritos a um território. O enraizamento é literal ou metafórico. Se é certo que precisamos de um lugar para repousar a fadiga dos pés, para saber de onde somos e donde vimos, também o desejo de vislumbrar outra terra nos faz sair desse repouso, a assumir novos êxodos existenciais.

**VIVEMOS NESTA AMBIVALÊNCIA DE UM CORPO PRESO AO SOLO E DE UMA MENTE EM DIVAGAÇÃO À PROCURA DE NOVOS MODOS DE HABITAR O MUNDO.**



Foto: Kelly Sikkema | Unsplash.

O corpo enraíza a mente desenraizada e a mente desenraíza um corpo demasiadamente confinado ao que o confina. Simone Weil, filósofa do êxodo radical, diz-nos que o

*futuro não nos traz nada, não nos dá nada, somos nós que, para o construirmos, temos de lhe dar tudo, dar-lhe até a nossa própria vida. Mas para dar é preciso possuir, e não temos outra vida, outra seiva, a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, que recriamos.*

A esperança autêntica vive desta herança a recriar, desta memória afetiva dos eventos e dos seres que nos precederam, de acontecimentos outrora recebidos por outros. Não é viável caminhar sozinho, pois, mesmo quando caminho literalmente só, caminho com todos aqueles e aquelas que por ali passaram. Quando subimos ao cume de um monte é como se fizéssemos corpo daqueles que por ali já passaram. É como se tivéssemos necessidade de continuar essa caminhada inacabada, como o estafeta que entrega ao outro a chave do tempo imemorial.

No espaço aberto da cidade coberta de partículas virosas, encontramos a nuvem do silêncio, a paciência do recolhimento, o cuidado de si e dos seus, a serenidade do deserto. Quem diria que todos experimentaríamos em tão curto espaço de tempo a mesma dor, a comum condição de sermos humanos?

No Segundo Testamento a realização do caminho é sempre plural (cf. Lc 24,13). Mesmo a solitária subida do Nazareno ao Gólgota é acompanhada por um punhado de pessoas solidárias. No caminho crucífero ou da Cruz há uma passagem de testemunho singularíssimo. Cada um caminha como é, mas todos sentimos a necessidade de o percorrer, de sair da zona confortável da nossa existência, para encontrar na ruína ou na catástrofe horizontes de sentido. Para o efeito, não haverá melhor emblema visual do que a pintura movimentada do filme *O Moinho e a cruz* (2011), de Lech Majewski, a partir do quadro *Subida ao Calvário* (1564), do pintor flamengo Pieter Bruegel.



O Caminho da Cruz, Pieter Bruegel, o Velho (1564), Kunsthistorisches Museum, Viena, Austria | Wikimedia Commons.

Nessa obra pictórica contemplamos Cristo a atravessar a multidão, quase invisível, um corpo em movimento para o *Leste do Paraíso* (John Steinbeck), passando por meio das casas e ofícios de humanos apressados e distraídos. Esta sua passagem por entre a vida quotidiana é a expressão de que Deus também mora nas portas aladas da ruína.

## DIANTE DO ISOLAMENTO, A CONTEMPLAÇÃO

Nestes últimos tempos o mundo vive confinado em isolamento quase monástico, como se cada quarto se convertesse na cela de um monge. Cumpre-se inesperadamente, agora, o adágio: “Tu, quando rezares, vai para o teu quarto e, fechando a porta, ora ao teu Pai em segredo. E o teu Pai, que vê no que está escondido, recompensar-te-á” (Mt 6,6). Tornou-se penoso caminhar, atravessar ou andar

pelos ruas citadinas ou escalar as curvaturas incertas das apelativas montanhas íngremes. Muitos reconheceram o luxo da vida telúrica, a libertação do corpo expandido no trapear os montes ou a contemplação das águas na margem de juncos perdidos ou até a sonoridade dos pássaros urbanos outrora despercebidos pelo rumor pulsante da pressa. Semanas e meses em que os humanos tiveram de aprender a caminhar com os pés agudos da mente, quase uma iniciação forçada à quietude, como forma de resistir à entidade invisível que em nós se hospedou sem pedir licença.

Só o exercício mental da progressão espiritual terá salvado a muitos da hecatombe sanitária de um corpo preso. Sem o saber, talvez estivéssemos a caminhar sobre ruínas ou sobre um pântano sombrio. Não foi precisamente Blaise Pascal que afirmou que “toda a infelicidade dos homens vem de uma só coisa, que consiste em não saberem ficar em repouso num quarto”? Uma parte da humanidade foi obrigada a reconhecer a sua incapacidade de viver circunscrita a um quarto ou à exiguidade de uma habitação urbana. Outrora aqueles que encontravam prazer na solidão, seja na leitura, no caminhar, na apreciação estética de uma pintura ou na contemplação monástica de uma cela eram incompreendidos. Hoje a percepção já será outra!

Caminhar é vital para reconhecermos a nossa própria humanidade, o humano que há em nós. Contra o suposto dito de Gustave Flaubert, “só se pode pensar e escrever sentado”, Nietzsche afirma ironicamente num dos seus aforismas: “- Assim te agarro, ó niilista! A carne sentada é precisamente o *pecado* contra o Espírito Santo. Só os pensamentos *em marcha* têm valor”.

Há aqui uma apologia da deambulação ou do nomadismo como modo de ser vital, e não apenas como exercício corporal ou de *mindfulness* à Ocidente. Mas o filósofo alemão parece não ter vivido em tempos de confinamento social obrigatório, em que uma nesga de espa-

ço era já um luxo para a nossa libertação. Não caminhamos só com os pés, também o espírito caminha, mesmo se o corpo vive sedimentado ou confinado no mais ínfimo espaço. É a pessoa toda que caminha e beneficia desse exercício espiritual quotidiano como preparação lenta para tempos de caos.

O profeta gritava no deserto, o lugar do silêncio absoluto que dispõe para a auscultação da semicolcheia mais breve, para que se aplanasse o caminho d’Aquele que seria o futuro, a face visível de Deus invisível, o corpo de Deus. Daí o seu dito disruptivo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,7).

**ENTRAR NO CAMINHO, CAMINHANDO, É DESEJAR A VIAGEM, É RECEBER O TEMPO DO LUGAR COMO UM DOM INATENDÍVEL, É CAMINHAR “AOS OMBROS DOS GIGANTES” (BERNARD DE CHARTRES), NÃO APENAS PARA VER MELHOR, MAS PARA SENTIR O TOQUE DA COMUNHÃO HUMANA.**

Como todo e qualquer exercício espiritual bem feito, peregrinando, perdemo-nos e reencontramo-nos, avançamos e recuamos, afirmamos e negamos, sorrimos e lacrimejamos, silenciemos e bradamos. É como se todo o caminho fosse um caminho dialético onde nos reconhecemos nos limites que a materialidade nos impõe.

Como Thoreau não desejo caminhar num solo límpido, prefiro caminhar sobre ruínas, como anúncio de um tempo que nos lança e projeta no devir, como expressão da alteridade total com os que nos precederam e com os vindouros. A ruína é a expressão de uma fecundidade, de uma ferida aberta à espera de ser cuidada e sanada.

Para Diane Scott, “seja na arquitetura, na política ou na arte, há uma multiplicação de ruínas, uma profusão de ruínas, uma fertilidade de ruínas”.



Foto: Les routes sans fin(s) | Unsplash



Foto: Kyle Mills | Unsplash.

Há possivelmente toda uma filosofia ou teologia da ruína por fazer, e que poderá ser fecunda se aliada à ideia de peregrinação espiritual, à noite escura dos místicos como prova da progressão do espírito no Espírito, como redescoberta de Deus na transcendência do caos, como narração e prolongamento do gesto criador genésico.

## DO DESPORTO À PEREGRINAÇÃO

Caminhar não é um simples desporto, um divertimento ou um prazer de fim-de-semana. É uma peregrinação às profundezas de si mesmo que nos abre à visitação do mistério. Frédéric Gros, no seu ensaio *Caminhar, uma filosofia*, escrevia que *caminhando, não encontramos nada melhor para andar mais devagar. Para caminhar, é preciso, primeiro, ter duas pernas. O resto é em vão. Ir mais depressa? Então, não caminheis, fazei outra coisa: rolai, escorregai, voai. Não caminheis. Porque caminhando, há apenas uma performance que conta: a intensidade do céu, a cintilação das paisagens. Caminhar não é um desporto.*

Caminhar é envolver-se, é uma intimação de si na perfuração da paisagem, é uma ascese que só uma mística da vida peregrina pode acolher como presença do mistério santo e absoluto que é Deus.

Falta-nos talvez uma mística cristã do caminhar no horizonte das linguagens contemporâneas, da condição crente peregrinante (do latim *peregrino*, *are*, viajar “em país estrangeiro”,

“por país estrangeiro”) sobre as ruínas do tempo, da história e da vida do espírito, já presente no interior da tradição espiritual do cristianismo, desde a via monástica às formas de vida mendicantes ou itinerantes.

A peregrinação (*per+agri*) significava isso mesmo, “caminhar pelos campos”, por trajetos longos e árduos para chegar ao lugar da promessa. Poderemos, a partir deste ente invisível manifesto no presente, descobrir a força espiritual do silêncio e dos gestos que nos qualificam enquanto seres de relação, sobretudo quando se assiste à fuga da *urbs* (cidade) para o *pagus* (província)?

**TODOS SOMOS CAIXEIROS-VIAJANTES, SEM MORADA PERMANENTE. A NOSSA PASSAGEM POR AQUI SERÁ SEMPRE BREVE.**

Alguém dizia que somos essencialmente *homo viator* (Gabriel Marcel), em via para algo que nos sobrepassa. Como afirma Erling Kagge: “A vida prolonga-se quando andamos a pé. Caminhar expande o tempo”. Mas é preciso provar a dureza da ruína para sentir a força do caminho e das suas vicissitudes. Não basta invocar uma ideia de caminho platónico ou de peregrinação espiritual.

Não há “como se”, apenas caminhos a ser percorridos, pois somos desde as origens seres lançados à descoberta de mundo.

Aqui é preciso mesmo sair da metáfora simbólica ou do mentalismo lírico, para experimentar a resistência da realidade na fadiga do corpo viajante.

O MODO COMO CAMINHAMOS DIRÁ O QUE SOMOS E COMO CREMOS. A EXPERIÊNCIA FUNDAMENTAL DE DEUS É EXODAL. “AQUELE QUE SERÁ” ACOMPANHA O ESTRANGEIRO OU O REFUGIADO OU O ÓRFÃO ATÉ ÀS BORDAS DAS ÁGUAS FRESCAS.

Sem essa resistência ao acomodamento epocal do espírito, é de temer que o ato de *caminhar* se torne o novo avatar de consumo utilitário, como o fascínio das divagações em torno do *silêncio*, de uma espiritualidade burguesa hiperindividual, sem reconstrução dos escombros nem atenção cuidada aos ligames afetivos comunitários.

Para seguir os *caminhos caminhados*, e ainda o que falta por vir num passo de cada vez, firmes na inconsistência de solos em ruína, soa-nos aos ouvidos caminhantes os versos imemoriais do poeta sevilhano Antonio Machado. ■

**CAMINHANTE,  
NÃO HÁ CAMINHO**

Caminhante, são teus rastos o caminho, e nada mais;  
caminhante, não há caminho,  
faz-se caminho ao andar.  
Ao andar faz-se o caminho,  
e ao olhar-se para trás  
vê-se a senda que jamais  
se há de voltar a pisar.  
Caminhante, não há caminho,  
somente sulcos no mar.

Antonio Machado  
Tradução de José Bento

**Para uma filosofia ou antropologia do caminhar, para além dos autores aqui citados, sugiro a leitura profícua de:**

- David Le Breton, *Eloge de la marche*, Editions Métailié, Paris 2000;
- Martin Heidegger, *Caminhos da Floresta*, Calouste Gulbenkian, Lisboa 2002.

**Na literatura universal:**

- Henry David Thoreau, *Walden ou a vida nos bosques*, Antígona, Lisboa 2017

**Na literatura de viagem espiritual:**

- para além do clássico *Relatos de Um Peregrino Russo ao seu Pai Espiritual*, Paulinas, Lisboa 2007.
- o livro de Patrick Leigh Fermor, *Tempo de Silêncio*, Tinta-da-China, Lisboa 2018.

**No âmbito teológico:**

- o recentíssimo ensaio do teólogo alemão e caminhante apaixonado Gisbert Greshake, *Camminare. Vie, deviazioni, crocevia, viae crucis*, Queriniana, Brescia 2020.



Foto: Mor Shani | Unsplash



# Orações a Santo António

**M**eu querido Santo António, quero muito pedir-te que acompanhes o mundo nesta altura tão difícil. A nós cá por casa não nos abandones, permite que o meu marido possa manter o trabalho dele e eu consiga manter o meu. Permite que esta conjuntura passe rapidamente e possamos sair deste pesadelo, mais unidos, mais conscientes, mais fortalecidos e mais amigos. Precisamos do nosso modo de vida, protege-nos. Obrigada. Maria Marques

**Q**uerido Santo António, nunca me faltaste nas minhas preces. Agradeço-te de todo o meu coração, porque és um santo muito bondoso. Alcançaste a graça de ter em teus braços o Deus Menino e, agora que estás junto d'Ele, segreda-lhe aos ouvidos esta prece: Jesus misericordioso, a humanidade está em perigo, refém de um vírus que não dá tréguas e já ceifou muitas vidas. Os mais vulneráveis: idosos com patologias crónicas (como eu que já tenho 84 anos) vivem isolados dos familiares e sofrem de ansiedade e solidão. Jesus estende as tuas mãos e abençoa a pobre humanidade. No responso que rezo cotidianamente digo: “todos os males humanos se moderam, se retiram. Pela tua intercessão foge a peste, o erro, a morte”. Por isso, querido Santo António, eu confio em ti. Maria José ■

Querido Santo António,  
que acolheste Jesus em teus braços,  
acompanha-nos em nossa jornada,  
neste momento de provação  
e sede para nós força,  
ajuda e razão de esperança.

Intercede junto de Deus, nosso Pai  
para que proteja as nossas famílias,  
as nossas comunidades e o mundo inteiro;  
liberta-nos e cura-nos desta epidemia.

Pelo poder do Espírito,  
apoia os doentes e as suas famílias,  
conforta os idosos  
e todos os que vivem na solidão;  
ajuda com o dom da fortaleza e da sabedoria  
todos os profissionais de saúde;  
fortalece em nós e em toda a sociedade  
o espírito de solidariedade  
para enfrentarmos juntos esta calamidade.

Dá-nos a conhecer a vontade do Pai  
para que saibamos seguir o exemplo de Jesus,  
que carregou o nosso sofrimento sobre si  
e assumiu as nossas dores,  
para nos levar, através da cruz,  
à alegria da ressurreição.  
Ámen.



# Jovens...

e os santos da *Christus Vivit*

## 3. Santa Joana d'Arc

*Luís Leal*

*Maio é um mês carregado de simbólica feminina: o “Dia da Mãe”, o “Mês de Maria”, Fátima: eis o mês ideal para nos determos na história e no exemplo da jovem santa Joana d’Arc.*

Nascida a 6 de janeiro de 1412, na aldeia francesa de Domrémy (atualmente Domrémy-La-Pucelle), era filha de um casal de humildes agricultores. A sua infância ficou marcada pela “Guerra dos Cem Anos”, que, desde 1337, punha em confronto Carlos VII, legítimo, mas “não empossado” rei de França, com Henrique VI de Inglaterra, igualmente desejoso de tomar o trono francês. Enquanto as tropas de ambos os exércitos destruíam o seu país, Joana, de apenas 13 anos, atraída pela contemplação e meditação da doutrina católica, começa a ser alvo de “revelações” divinas que haveriam de mudar a sua vida para sempre. Dizia que o Arcanjo São Miguel, Santa Catarina de Alexandria e Santa Margarida de Antioquia lhe tinham aconselhado ir ao encontro do rei Carlos VII para lhe propor a sua colaboração na luta contra os ingleses. Contudo, só aos 17 anos de idade e após várias peripécias, consegue revelar ao rei o seu “chamamento”.

A 6 de março de 1429, ela está no palácio real, rodeada de cortesãos, entre os quais o rei, disfarçado. Ao ser apresentada ao falso rei que tinham sentado no trono, Joana não lhe dá importância.

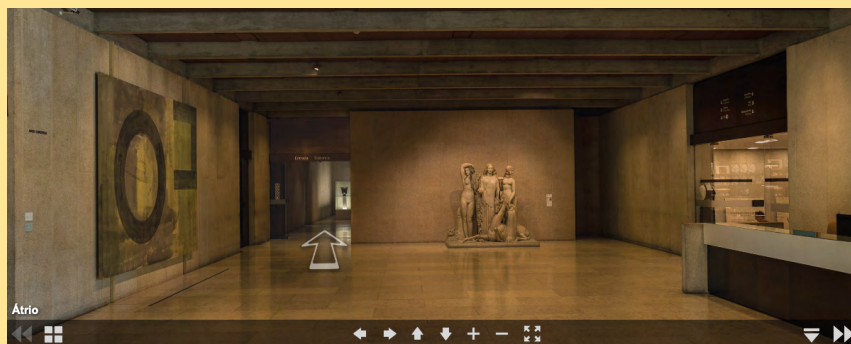
Imediatamente procura Carlos VII entre os presentes, encontrando-o escondido a um canto. Fixa nele o olhar, faz-lhe reverência e diz: “Mui nobre senhor, aqui estou. Fui enviada por Deus para trazer socorro ao vosso reino”. O rei, surpreendido e forçado pela delicada situação em que o seu reino se encontrava, acaba por confiar a Joana uma milícia de mais de 5 mil homens. Levando como única “espada” um estandarte com a imagem de Cristo, Joana ajuda a derrotar o inimigo e a levantar o cerco de Orleães (8 de maio de 1429), uma importante vitória que abria caminho à coroação de Carlos VII como rei de França, em 17 de julho seguinte.

Cumprida a sua missão, silenciaram-se as vozes que a haviam “inspirado”. Decide então regressar a casa, mas os seus superiores insistiam na sua presença noutras importantes batalhas. Assim, Joana participou, nesse mesmo ano de 1429, na libertação do cerco à cidade de Paris e depois no de Compiègne, onde acabou por ser capturada pelo exército dos borgonheses.

Capturada, foi depois vendida aos ingleses. À mercê destes, Joana d’Arc foi então julgada pela Inquisição, acusada de ser cismática, apóstata, mentirosa, adivinhadora, herética, errante na fé, blasfemadora de Deus e dos santos. Após três meses a tentar comprovar a sua inocência, a heroína de Domrémy foi queimada viva como uma bruxa, na praça do mercado de Rouen, a 30 de maio de 1431. Enquanto as chamas a devoravam, só gritava o nome de Jesus, mantendo firme o olhar na cruz. Tinha apenas 19 anos de idade.

Este seu destino, tão triste quão injusto, levou o papa Calisto III a rever o seu processo, vindo a ser canonizada por Bento XV, a 16 de maio de 1920. Dois anos depois, Pio XI proclamá-la Padroeira de França. Eis porque vemos tantas estátuas suas em Paris e inúmeras imagens e quadros, espalhados pelas catedrais e museus franceses. A sua festa litúrgica celebra-se a 30 de maio, tendo a sua história inspirado muitos artistas.

Jovem humilde, de fé fervorosa, aceita a “vocação” de lutar numa guerra maior que ela, munida apenas das “armas” da fé e da coragem... Queres melhor inspiração para “os tempos que correm”? ■



### Museus online

Já que estamos confinados em casa, por que não fazer do nosso sofá a nova “prancha” para “surfear a onda”, aproveitando o melhor que a internet nos oferece? Se gostas de museus, aqui vão três propostas de museus que podes visitar virtualmente, de forma grátis e sem filas.

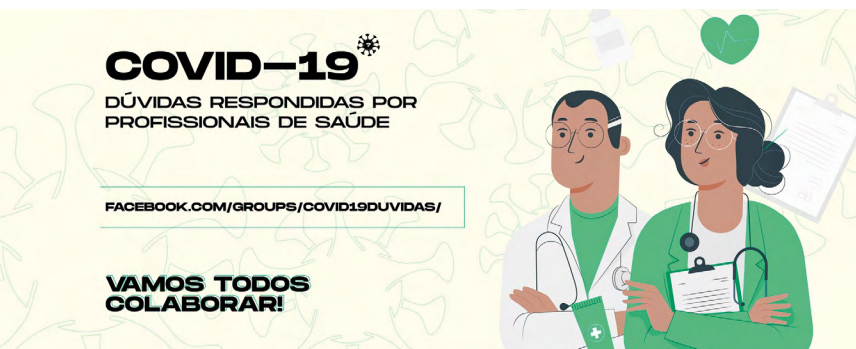
O **Museu Nacional de História Natural e da Ciência**

(<https://museus.ulisboa.pt/pt-pt/visita-virtual>) propõe-te um percurso em 360° que te permitirá navegar de forma interativa através dos espaços, acedendo a informações sobre as exposições presentes no MUHNAC e sobre a sua história.

Ainda em Lisboa, podes dar um clique até ao **Museu Calouste Gulbenkian** (<https://gulbenkian.pt/museu/colecoes/>)

visita-virtual/ ), onde poderás visitar duas coleções: a “Coleção fundador”, onde encontrarás “objetos do Antigo Egipto, do Oriente Islâmico ou obras de artistas como Rembrandt, Turner, Monet, Rodin ou René Lalique” e a “Coleção Moderna”, com obras de “Amadeo de Souza-Cardoso, Almada Negreiros, Paula Rego ou Vieira da Silva”, entre outros.

Finalmente, o **News Museum de Sintra** (<http://www.news-museum.pt/visita-virtual/>), onde poderás fazer uma viagem pela história recente do nosso mundo através da narrativa dos media. Acredita: vale bem a pena a visita!



### Páginas informativas sobre a COVID-19

A internet e redes sociais são um espaço onde medra a desinformação, as cabalas e demais teorias da conspiração que em nada ajudam, nem à compreensão, nem à resolução, dos nossos problemas.

Por isso, aqui fica o desafio a que te liguês a três sítios onde podes encontrar informação fidedigna e, assim, esclarecer as tuas dúvidas.

O primeiro é o *site* da **Direção Geral de Saúde** (<https://covid19.min-saude.pt/>), onde podes encontrar os dados acerca da situação da atual, uma secção de “Perguntas frequentes” sobre a COVID-19, “Materiais de divulgação” (cartazes, guias, jogos didáticos) e documentação sobre este surto pandémico.

O segundo é o *site* **Estamos On** (<https://covid19estamoson.gov.pt/>), uma página de carác-

ter prático, que esclarece dúvidas (de ordem jurídica, laboral, legislativa, económica, financeira) a todos os que procuram saber como responder a uma situação específica relacionada com a sua área de atividade.

Finalmente, o grupo do Facebook **COVID19 dúvidas respondidas por profissionais de saúde** (<https://www.facebook.com/groups/covid19duvidas/>) que se propõe “responder às questões das pessoas”, neste particular contexto em que “as linhas de apoio estão assoberbadas”. Aqui poderás colocar as tuas dúvidas (atenção às regras do grupo) e logo que possível um dos membros responderá com a melhor solução para a tua questão.

# De Fernando

Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

Mudar de nome é um assunto sério e importante! Porque atesta que algo mudou. Isso acontece com frequência também connosco.

Quando, por exemplo, após um evento – um feito como campeão nalgum desporto, uma intervenção oportuna e decisiva, um desaire mais ou menos voluntário – para o melhor ou para o pior, nos é dada uma alcunha, um novo apelido ou alterado o nosso verdadeiro nome (Manelão, João Cagaças). É como se, em determinado momento, o nome, com o qual a família e os amigos nos chamaram até então, se descolasse de nós e nos abandonasse.

Porque algo de novo está a chamar por nós, e não por falta de identidade ou traição às próprias raízes.



# se fez Ant3nio

Fernando decidiu:  
vai tornar-se franciscano.  
E decide, tamb3m,  
mudar de nome.  
Chamar-se-3 Ant3nio,  
para dizer *obrigado!*  
ao passado  
e *sim!* ao futuro.

Se pensarmos bem, aconteceu o mesmo com o nosso batismo, quando, ao derramar a 3gua sobre as nossas cabeas, o sacerdote nos imp3s definitivamente um nome, tornando-nos crist3os para sempre. Ele garantiu-nos que, a partir de ent3o, esse seria tamb3m o nome que Deus gravaria na palma das suas m3os.

A pr3tica de mudar de nome tornar-se-ia habitual mais tarde, mas, no tempo de Fernando ainda n3o era normal que um religioso mudasse de nome quando entrava definitivamente numa Ordem. No entanto, Fernando entende que, al3m da estabilidade da vida no mosteiro e das ambi33es humanas e eclesi3sticas, 3 bom deixar para tr3s tamb3m o pr3prio nome, que tinha sido registado no momento do batismo e que o tinha acompanhado, desde o lar familiar at3 ao mosteiro de S3o Vicente e, depois, de Santa Cruz.

Ao largar a veste dos C3negos Regrantes de Santo Agostinho e assumir o traje franciscano, sinal e gesto j3 em si eloquente da mudan3a que est3 a acontecer na sua vida, Fernando manifes-

ta concretamente o que provavelmente ainda estava um tanto confuso no seu cora33o e na sua cabea. Dado que, naquela 3poca, a veste ainda fazia o monge: a mudan3a fala de uma escolha – ou pelo menos de uma vontade – e de um projeto de vida concreto e alternativo.

Ao mudar de nome, marca um ponto sem retorno: a partir de agora Fernando deixa de existir, fica apenas Ant3nio.

Ant3nio, como o santo abade, o pai dos monges, que viveu no deserto eg3pcio no s3culo IV, ao qual est3 dedicada a pequena igreja onde os frades menores est3o sediados em Coimbra, entre os olivais, n3o longe do mosteiro de Santa Cruz. Um santo austero, leigo, temperado pelo ascetismo e pelas lutas contra o diabo, solit3rio, mas procurando pelo povo, um homem que tinha doado todos os seus bens aos pobres depois de escutar o Evangelho (sim, como Francisco de Assis, mas isso, Fernando-Ant3nio ainda n3o sabia).

Um santo *pop*, representado nas igrejas, acompanhado pelo fiel porquinho, segurando firmemente o bast3o com a al3a em forma da letra “T”, por vezes tamb3m costurada na sua veste mon3stica (o nosso Ant3nio n3o podia ainda nem sequer imaginar que esse “T” 3 o tau grego, a letra preferida de Francisco). Um novo nome para dizer “obrigado” ao passado e “sim!” ao futuro.

Muitas vezes na B3blia, a imposi33o de um novo nome significa uma nova vida, uma nova miss3o, uma escolha de Deus para uma tarefa especial (cf. Gn 17: 4-5; Os 1,3,6; Mt 16, 18).

Por isso, o novo nome n3o 3 ainda tudo e isso Ant3nio descobriu-lo-3 mais tarde. 3 apenas mais um come3o: “Quem tem ouvidos ou3a o que o Esp3rito diz 3s igrejas: ao que sair vencedor dar-lhe-ei a comer do man3 escondido e dar-lhe-ei tamb3m uma pedra branca na qual estar3 gravado um novo nome que ningu3m conhece, a n3o ser o que a recebe” (Ap 2,17). ■

# Os jeans de CR7

*Gilberto Borghi e Chiara Gatti*

Esta é a história do João, 16 anos acabados de fazer, pendurado entre uma velha alcunha de família e a sua nova identidade adolescente.

Era março e estávamos todos fechados em casa por causa da pandemia do coronavírus. Com as escolas fechadas e muitas atividades suspensas, as famílias viram-se fechadas na própria casa, limitadas às poucas e necessárias saídas.

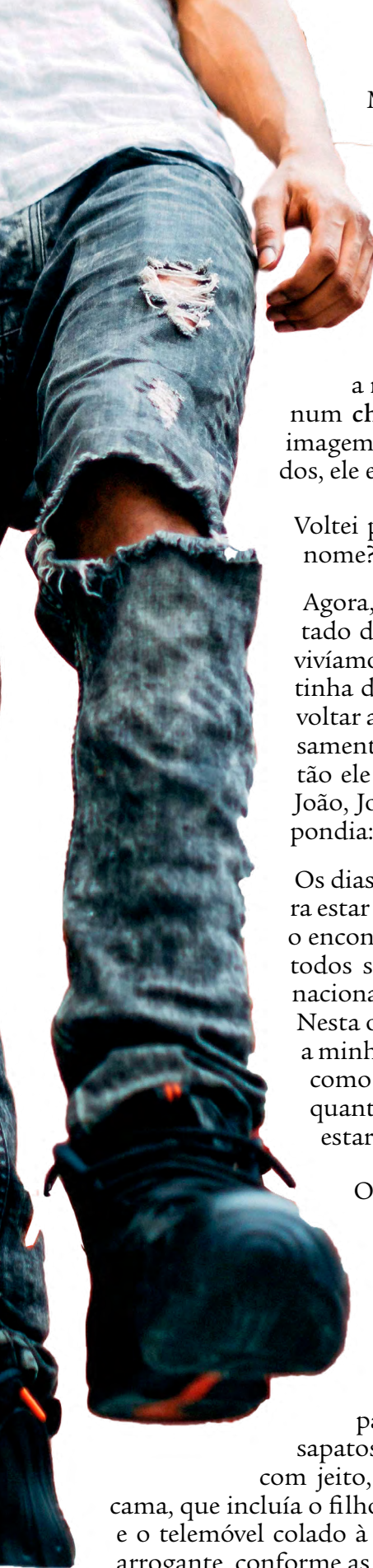
O meu marido passou a trabalhar fechado no seu escritório, os meus dois filhos (7 e 16 anos) passavam o tempo entre as vídeo-aulas e o *chat* com os amigos, e, finalmente a avó (a minha mãe), com demência senil e a ficar sem memória, estava recolhida num lar de dia. E, naturalmente, dado que todos os laços familiares anteriores ficaram baralhados, era necessário inventar outros novos: uma operação bastante difícil, dados os condicionalismos que pesavam e oprimiam os vários estados de ânimo.

Entretanto, quem entre nós mais sofria com isto tudo era o João, o meu filho mais velho, de 16 anos, agora constantemente ligado à Net com os amigos, quando antes estava sempre fora com o seu *skateboard* pelas ruas da cidade. Antes, viamo-lo apenas à hora das refeições, com o *skate* debaixo do braço, os jeans largos e gastos e os auriculares sempre nos ouvidos. Devorava a comida num instante, com a cabeça metida no prato, um enorme tufo de cabelos cobriam-lhe os lindos olhos escuros, limitando-se a uns grunhidos inexpressivos como resposta às poucas perguntas embaraçadas que eu e o pai lhe fazíamos.

Quando era criança, chamavamo-lo Kico. Era um tratamento familiar que ele próprio aceitava naturalmente.



Foto de Xavier Crook | Unsplash



Mas uma tarde, tinha ele já 12 anos, quando eu lhe pedi da cozinha algo de importante que tinha esquecido, ele, do quarto com a porta fechada, gritou: “Chega de me chamar Kico! Que nome é esse? Já não sou uma criança!”. Um arrepió subiu-me pelas costas: tinha chegado a adolescência. Passado algum tempo, ao entrar no quarto dele para apanhar a roupa para lavar, vi que no ecrã do PC, num chat com os amigos, se destacava uma imagem, e percebi, então, que, agora, para todos, ele era “CR7”.

Voltei para a cozinha: CR7? Mas que raio de nome? A minha cabeça andava às voltas!

Agora, porém, também CR7 partilhava o estado de permanência forçada que todos nós vivíamos e, naturalmente, de vez em quando tinha de ser chamado pelo nome. Decidimos voltar a chamá-lo só “João”, mas a avó, teimosamente, continuava a chama-lo “Kico”. Então ele gritou para ela: “Não, o meu nome é João, Joãoãoãoãoão!” E a avó, carinhosa, respondia: “Está bem, Kico, não leves a mal!”

Os dias passavam devagar, apesar da primavera estar a rebentar lá fora; a única novidade era o encontro da noite quando, depois do jantar, todos saíam às varandas e cantavam o hino nacional para se animarem uns aos outros... Nesta ocasião, o único acontecimento do dia, a minha filha de 7 anos aplaudia alegremente como se estivesse num balcão do teatro, enquanto o João - CR7, murmurava da sala de estar com ironia: “Coitadinhos!...”.

Outro momento muito delicado deste período foi o pijama. Desde o início do retiro forçado, o João usava o fato de treino mais velho como pijama, dando-me apenas uma vez a possibilidade de o apanhar para o lavar rapidamente. De facto, quando entrava no quarto dele que, sem sucesso, eu pedia para ele arrumar, encontrava roupas e sapatos espalhados debaixo da cama. Então,

com jeito, tentava arrumar a parte superior da cama, que incluía o filho deitado com auriculares nos ouvidos e o telemóvel colado à mão, num estado entre o apático e o arrogante, conforme as fases.

Consegui, desta forma, pegar nos jeans que ele tanto gostava, aqueles rasgados e largueirões. Aí ele acordou: “Não, mãe! aqueles não!... Por favor, mãe, sai! Não me chateies!”

De repente, percebi que tinha pisado um campo minado por ter mexido no uniforme do CR7, que se completava com uma camisa preta com uma enorme caveira na frente, que até metia medo ao passar a ferro. Quando saí do quarto, apareceu à porta a avó reclamando: “Kico, hoje, vais-te vestir para vir almoçar, não é?” Enquanto ele de dentro rugia: “Foraaaa!”, eu empurrava amavelmente a minha mãe e sussurrava-lhe: “Vamos almoçar!”.

Foi por isso com enorme surpresa que, por ocasião do vigésimo primeiro dia do nosso retiro familiar, vimos aparecer o João para jantar, vestido com os seus jeans e a camisa preta. A televisão, com os seus noticiários pesados, acabara de ser desligada e a avó persistia no seu comentário sobre as almôndegas que tinha no prato e as outras almôndegas do seu tempo, enquanto o João acabava de se sentar no seu lugar diante de um prato cheio.

Pela primeira vez, levantou a cabeça, mexeu o tufo do cabelos, olhou para as almôndegas com um meio sorriso e perguntou: “Avó, lembraste quando começaram a chamar-me assim? É que um amigo meu perguntou-me, depois de ter ouvido a avó a chamar-me da porta do meu quarto”. ■

## Livros

Rui Pedro Vasconcelos

DOM E PERDÃO  
POR UMA ÉTICA DA COMPAIXÃO

**Há experiências cuja reflexão** sobre elas exige humildade e coragem: experiências que marcam a nossa história e o nosso quotidiano, e das quais qualquer pensamento pode pecar pela superficialidade ou pelo idealismo. O perdão é uma dessas experiências. É por isso um ato de coragem a proposta – tão breve como significativa! 112 páginas em formato de bolso – do monge italiano Enzo Bianchi. Procurando não cair nas respostas fáceis ou imediatas, Bianchi faz acompanhar o seu ensaio sobre o perdão na vida humana de duas outras dimensões que fazem parte do centro, do coração da vida cristã: o dom e a compaixão. Juntas, acompanham o perdão, e permitem compreender como este só faz sentido unido àquelas.

O dom e a compaixão – como o perdão – têm riscos, nem sempre encontram a gratidão ou o acolhimento, a correspondência ou o reconhecimento. Como não confundir o perdão com a desculpa, o esquecimento ou até a reconciliação (no sentido em que esta exige a aceitação da outra pessoa, algo que nem sempre acontece com o perdão)? Aqui, Enzo Bianchi é tão perspicaz quanto profundo:

*Perdoar é um processo longo e exigente, que deve conduzir a uma transformação dos sentimentos, das intenções, dos comportamentos da vítima, de quem foi ofendido, relativamente ao ofensor. Trata-se, em primeiro lugar, de saber ler e discernir, o mais possível na verdade, a ofensa recebida; trata-se, portanto, de renunciar a responder na mesma moeda, de elaborar uma mudança em nós mesmos.*



**Autor**  
Enzo Bianchi  
**Edição**  
Apostolado da Oração  
**Páginas**  
112

*Dom e Perdão* constitui assim um breve e muito rico itinerário espiritual de encontro com as texturas humanas e cristãs da vivência do perdão. O autor parte da tradição espiritual bíblica e cristã como narrativa da busca do Deus de amor por cada mulher e cada homem, para os reconciliar com a sua própria vida e história. O cristão, neste sentido, tem o dom de contemplar a beleza do Evangelho, não anulando as feridas mas convidando a um caminho de renascimento. Não se trata de esquecer a injustiça, o mal ou o pecado, “de que somos vítimas e de que somos culpados”: mas a resposta cristã não consiste na vingança ou no esquecimento, mas na compaixão, no perdão, na não-violência. É a Cruz o perfeito ícone disso.

As respostas não serão todas dadas, as perguntas não serão todas respondidas, as feridas não serão – longe disso! – saradas ou cicatrizadas, os primeiros passos poderão não ser dados: mas a leitura deste pequeno opúsculo certamente constituirá um precioso auxílio no caminho pessoal de cada leitora e leitor.

*O perdão é o maior gesto de que um ser humano é capaz: é a última etapa do caminho de humanização de cada pessoa. O perdão – podemos dizê-lo – faz bem antes de mais à vítima, que sai de si mesma, conhece uma paz mais alargada, sente-se mais livre. Perdoar restabelece, é bálsamo sobre as feridas, que de chagas se tornam cicatrizes. Perdoar é um evento que instaura nas relações uma maior confiança, um acolhimento mais cordial, uma comunhão mais intensa. Não por acaso, para a tradição cristã, esta é a maior alegria de Deus. ■*

O perdão é o maior gesto de que um ser humano é capaz: é a última etapa do caminho de humanização de cada pessoa. O perdão – podemos dizê-lo – faz bem antes de mais à vítima, que sai de si mesma, conhece uma paz mais alargada, sente-se mais livre.



*Shi (Poesia)*  
de Lee Chang-Dong,  
Drama, M/12, França, Coreia do Sul, 2010.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

“**A coisa mais antiga de que me lembro** é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava, poisada em cima duma mesa, uma maçã enorme e vermelha”, escreve Sophia de Mello Breyner na sua Arte Poética III.

Foi destas palavras que me lembrei ao ver o filme *Poesia* do sul coreano Lee Chang-dong, de 2010, que foi disponibilizado pela Medeia Filmes, nestes dias da Quarentena. Impossibilitados que estamos de ir ao cinema e ver o que o Cartaz nos traz de novo, proponho um olhar sobre este tão belo quanto triste poema visual.

*Poesia* pode ser um título bem enganador, sobretudo se somos daqueles que caímos na tentação de pensar que a poesia é uma maneira de fugir da realidade e refugiar-se em pensamentos e palavras bonitas. Mas a verdade é exatamente o contrário, porque ‘o real é a palavra’. Voltemos a Sophia:

*Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real... Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem. Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo... E é por isso que a poesia é uma moral. E é por isso que o poeta é levado a buscar a justiça pela própria natureza da sua poesia.*

Está aqui, creio, a melhor chave de leitura para o filme em questão. Um filme habitado pela luminosa presença de uma mulher, já avó, que no meio das dificuldades e trabalhos da sua vida mantém uma elegância e uma atitude a que ninguém é indiferente. Ao sair do hospital, onde foi por andar a esquecer-se das palavras que nomeiam as coisas, presencia uma cena terrível: uma mãe, apenas amparada por uma criança, grita e cai por

terra, porque a sua filha adolescente se tinha suicidado, atirando-se ao rio. Era assim que tinha começado o filme: um corpo a boiar na água. Mas Mija ainda não sabia o pior: o seu neto, por quem fazia todos os sacrifícios, pertencia ao grupo de rapazes responsáveis por aquele suicídio. Compreender esta dor e esta injustiça passou a ser o seu objectivo, sempre presente no seu olhar intenso, vazio e triste e nas opções que se sente obrigada a fazer.

E onde entra então a poesia do título? Naquele dia, ao regressar do hospital e depois de presenciar a trágica situação daquela mãe, ela vê o anúncio de um curso de poesia. E, apesar de já ter acabado o prazo de inscrição, ela vai participar. Era um desejo antigo. A partir daí, e por indicação do professor, ela vai passar a olhar o mais atentamente possível para toda a realidade que a envolve, com o objectivo de escrever um poema. Vai tomando notas no seu caderninho, mas o poema não aparece, por mais que se esforce e pergunte repetidamente como se faz.

O poema só será escrito quando ela conseguir resolver todas as questões morais que a atormentam e a justiça tiver sido feita: entregar a sua parte do dinheiro para o acordo que tinha sido feito com a mãe da rapariga violada, denunciar o seu neto à polícia para ele enfrentar as consequências do crime que cometera. Tudo feito com uma ritualidade e uma determinação quase litúrgicas. Agora estava livre e o poema – autêntico exercício de empatia – podia, então, ser a palavra capaz de dizer a realidade da vida com toda a compaixão e verdade.

“Como um fruto que mostra/ Aberto pelo meio/ A frescura do centro // Assim a manhã/ dentro da qual eu entro” (Sophia de Mello Breyner). ■



# Basílica de Santo António, clínica de almas



**A BASÍLICA DO SANTO TRANSFORMOU-SE NUMA CLÍNICA ESPIRITUAL ESPECIALIZADA PARA O HOMEM DE HOJE**

*Frei José Carlos Matias*

Sabemos que o corpo de Santo António se encontra em Itália, na Basílica do Santo, na cidade de Pádua, por onde costumavam passar cerca de 4 milhões de peregrinos por ano. Junto da Basílica há um convento franciscano. Hoje queria “levar-vos até lá”, dando-vos a conhecer um idoso e sábio confrade, frei Francisco Ruffato, desde sempre dedicado ao acolhimento, à escuta e à confissão dos peregrinos que chegam à Basílica.

## **FREI FRANCISCO RUFFATO**

Sou frei Francisco Ruffato e vivo numa numerosa comunidade de frades, ao serviço da Basílica de Santo António. Este convento nasceu à volta da figura de António, este Português, cônego regente de Santo Agostinho que se fez franciscano fascinado pelas escolhas de Francisco de Assis. Em Pádua ensinou teologia aos confrades: foi pregador eficaz em defesa dos pobres e taumaturgo. Há oito séculos que o seu túmulo é meta de numerosos peregrinos, que chegam de todas as partes do mundo.

Muitas vezes é uma humanidade ferida aquela que vem em peregrinação ao Túmulo de Santo António e deseja ser escutada e cuidada. No silêncio do confessionário apresentam-se penitentes convencidos que o Senhor os espera e falam, falam... encontros pessoais envolvidos no mistério de quem absolve e de quem tem necessidade de ser perdoado pela misericórdia de Deus.

Com o nosso ministério de confessores e de escuta, colaboramos para construir pontes de fraternidade nas famílias, nas paróquias, entre os sacerdotes, nas escolas, no ambiente de trabalho, nos hospitais, mas, sobretudo, proporcionamos um espaço de consolação para quem é experimentado pelo sofrimento. Os peregrinos entram na Basílica com fé e saem com esperança.

Depois de um dia passado a ouvir os peregrinos, os frades reúnem-se em oração para a recitação das vésperas, a que se segue o jantar comunitário. À noite, antes de dormir, penso em quem pediu a minha oração, sobretudo naqueles, e são tantos, que derramaram lágrimas fortes. Vou com o pensamento às palavras escritas no túmulo do Santo: “Vinde a mim vós que andais cansados e fatigados e eu vos aliviarei”.

Basta um pouco de fé, para encontrar a vontade de viver e um pouco de esperança para que ninguém se sinta só e abandonado. Deus faz-se encontrar por quem o procura com coração sincero.

*Frei Francisco Ruffato, frade da Basílica do Santo* ■

Frei Vitoriano da Costa, portuense,  
bispo de Cabo Verde e da Guiné (continuação)

*Frei Manuel Gonçalves*

Como referi no último número, no ano de 1932, no mês de Fevereiro, os franciscanos chegaram, mais uma vez, em nova missão às terras da Guiné-Bissau. E recordava: “...eles partiram pobres e pobres regressaram, exceto os que lá ficaram para sempre”.

O Bispo Frei Vitoriano foi o primeiro a deslocar-se, em visita pastoral, às cristandades da Guiné-Bissau, onde foi por duas vezes. E ficou de tal maneira impressionado com as cristandades visitadas que segundo escreve o padre Rema: “... lá teria finalizado os seus dias como missionário se para isso tivesse obtido licença régia que solicitara mais do que uma vez”.

Sobre esta primeira visita, o próprio bispo faz um precioso relato sobre a sua atividade, publicado, no ano de 1974, pelo investigador Avelino Teixeira da Mota. Nesta visita, o bispo contacta com os cristãos de Bissau, Geba e outras comunidades ao longo do rio Geba. Preside a casamentos, crisma alguns cristãos e administra outros sacramentos. Alude ao ataque feito às instalações da comunidade dos franciscanos em Bissau e à perda de todos os seus haveres.

A segunda viagem é relatada por António Rodrigues da Costa, familiar do bispo Dom Vitoriano. Os cronistas da Província da Soledade tiveram acesso a estas fontes e dão-nos imensas informações sobre a vida das comunidades cristãs visitadas.

O relato do sobrinho do bispo é feito num estilo muito próprio, gongórico (como nos diz o padre Rema) e fornece ao leitor uma panorâmica interessante sobre a situação religiosa da Guiné. Lamenta a situação idolátrica dos Guineenses e a vivência islâmica de grande parte da população e congratula-se com o esforço dos missionários e dos governantes no sentido de os educar na fé



cristã. Sobre a Ilha de Bissau informa da existência de uns estrangeiros, a que designa de “etíopes” mandingas, feitos missionários do Alcorão e ministros do “inferno”. Na Ilha de Bissau viviam mais de 20 mil famílias e muitas já tinham aderido às doutrinas de Maomé. O padre Rema recorda-nos: “... que os africanos tinham certa predileção pelos portugueses (que iam em missão de comércio) preferindo-os a todas as Nações da Europa no respeito e no afeto, de tal sorte que estas excediam a portugueses na alvura do corpo, só aos portugueses determinam com o apelido de brancos”.

Os africanos têm a noção da existência de um ser superior (Deus) a todas as criaturas e essências, mas também acreditam na existência de seres diabólicos a que chamam “chinas”, sacrificando-lhes animais e fazendo-lhes promessas. ■

Missão Franciscana de Cumura (em cima) e Missão das Irmãs Clarissas Franciscanas em Gabu (em baixo), Guiné-Bissau.



Frei Valentim Strappazzon

**A Ascensão de Jesus.** Pintura de Pietro Perugino (1448-1523), Museu das Belas Artes de Lyon.  
Foto in Vittoria Garibaldi; Perugino. *Catalogo Completo*. Octavo, Firenze 2000 | Wikimedia Commons.

# Pregai o Evangelho a toda a criatura

## A PALAVRA DE DEUS

*Naquele tempo, Jesus apareceu aos onze e disse-lhes:*

*“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for baptizado será salvo; mas quem não acreditar será condenado. Eis os milagres que acompanharão os que acreditarem: expulsarão os demónios em meu nome; falarão novas línguas; se pegarem em serpentes ou beberem veneno, não sofrerão nenhum mal; e quando impuserem as mãos sobre os doentes, eles ficarão curados”. E assim o Senhor Jesus, depois de ter falado com eles, foi elevado ao Céu e sentou-Se à direita de Deus. Eles partiram a pregar por toda a parte e o Senhor cooperava com eles, confirmando a sua palavra com os milagres que a acompanhavam.*

Mc 16, 15-20

## A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

**Ide por todo o mundo.** O género humano tem algo em comum com toda a criatura: anjos, animais, árvores, pedras, fogo e água, frio e quente, húmido e seco, porque o homem chama-se microcosmos, isto é, um mundo em miniatura. Chama-se mundo por estar sempre em movimento. O mísero homem, desde o principio da vida até ao fim, está sempre em movimento, nunca descansa; a não ser quando chegar ao seu lugar, a Deus.

“Senhor, diz Santo Agostinho, o meu coração está inquieto enquanto não descansar em Ti. O lugar do homem é Deus; nunca a paz está fora dele, e, por isso, a Ele deve voltar”.

**É bom, portanto, pregar o Evangelho a toda a criatura!** Criar é fazer alguma coisa do nada. O homem, quando está em pecado mortal é nada, porque Deus, o verdadeiro ser, não está nele pela graça... mas quando pela graça de Deus se converte à penitência, as coisas velhas afastam-se e tornam-se novas em Cristo.

**E eis os sinais que acompanharão os que acreditarem.** Antes, faziam-se sinais para converter os infieis; agora, porém, por termos crescido na fé, os sinais cessaram. Nós também, quando plantamos arbustos, só lhes deitamos água até se fixarem bem na terra.

*Ascensão do Senhor*

## APROFUNDEMOS

Dos três evangelhos que a liturgia nos oferece para a festa da Ascensão do Senhor, António comenta extensivamente o de Marcos, em particular duas passagens: “*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura*” e “*Eis os milagres que acompanharão os que acreditam*”.

Quais são, para António e para nós, todas as criaturas?

E onde estão os milagres, que Jesus prometeu aos discípulos e a nós?

**O homem e o mundo, a paz do coração, a nova criatura** O homem, escreve António, é um mundo em miniatura, um “microcosmos”, que tem em comum os quatro elementos (ar, água, terra e fogo) com todas as criaturas, a vida com as plantas e os animais e o céu com os anjos. Proclamar o Evangelho a toda a criatura, portanto, significa amar e respeitar cada ser, “de acordo com a própria espécie” (Gn 1).

O homem, escreve ainda o Doutor Evangélico, está sempre, como o cosmos, em movimento e não encontra verdadeira paz de coração, senão em Deus. De facto, quando alguém se converte de uma vida de pecado para uma de graça, então torna-se uma nova criatura em Jesus Cristo.

**Porquê – pergunta António – hoje em dia, já não se vêem os milagres que Jesus prometeu?**

Os milagres, diz António, retomando um pensamento de São Gregório Magno e de São Paulo, foram destinados a implantar a fé; uma vez que ela cresceu, os milagres já não são mais necessários. Mas, São Gregório vai ainda mais longe: quando os fiéis abandonam uma vida má, ajudam os que duvidam e removem a malícia do seu coração, estão a realizar verdadeiros milagres, maiores ainda do que os milagres físicos. Os milagres da caridade são ocultos, mas certos; e se a glória for menor, a recompensa será maior. ■

# Jesus

Concede-me passar como uma sombra passa,  
Vestida de silêncio, sem nada dar por mim.  
Inteiramente tua, ao Teu querer um Sim.  
Concede-me passar deixando a Tua Graça.

Concede-me passar como uma nuvem passa,  
À terra prodigando a chuva benfazeja.  
De mim faz uma bênção, um dom à Tua Igreja.  
Concede-me passar deixando a Tua Graça.

Concede-me passar como o orvalho passa,  
Humilde e pequenina espelhando a Tua luz,  
Que quem cruzar comigo só veja a Ti, Jesus.  
Concede-me passar deixando a Tua Graça.

Concede-me passar como o perfume passa,  
A vida oferecida em dom total de amor.  
Consuma-se o meu nada ficando o Teu odor.  
Concede-me passar deixando a tua Graça.

Concede-me passar como uma brisa passa,  
Depondo um beijo Teu na dor de cada irmão.  
Assume-me, Senhor, e faz-me redenção.  
Concede-me passar deixando a tua Graça.

Concede-me passar como uma rosa passa,  
deixando perfumada a mão que a desfolhou.  
Por toda a humanidade assim a Ti me dou.  
Concede-me passar deixando a Tua Graça.

Concede-me passar como uma noite passa,  
Ficando em seu lugar um radioso dia.  
Recebe a minha vida entregue por Maria.  
Concede-me passar deixando a Tua Graça.

*Testemunho de fé em Cristo Crucificado e Vivo,  
da carmelita Madre Maria Celina de Jesus Crucificado [1957-2017].*

*Este seu último e bellissimo poema é-nos oferecido pelo Padre Manuel Mendes,  
da Casa do Gaiato*

